Aspectos do Amazonas *

(2a. PARTE)

O AMAZONAS VISTO PELOS SÁBIOS

(FORMAÇÃO DO VALE AMAZÔNICO)

SARAIVA LEÃO

Há, que eu conheça, duas teorias a respeito da formação do vale do Amazonas. A de que a grande planície que tem como leito o maior rio do mundo foi formada por ação de uma época ou era glacial (a 5ª?), imaginada por Agassis, o grande ictiólogo que, também, se dava a estudos geológicos etc. Não se conformava ele com a construção das barreiras vermelhas do rio-mar, em que via o **grift** (depósito), e que só poderiam ser provocados por degêlo.

Houve, como se sabe, 4 eras glaciais e 4 interglaciais. No pleistoceno, o último período e o mais recente da era cenozoica, foi, tambem, o período da última grande Idade Glacial. Mas essas eras glaciais não atingiram os trópicos.

Diz H.G. Wells: "Sobre a América e a Europa, o gêlo avançava. Por milhares de anos avançava, depois se retraia por milênios, para de novo voltar. A Europa, até as margens do Báltico, a Bretanha, até o Tâmisa, a América do Norte, até a Nova Inglaterra e, pelo centro, Ohio, as quais permaneceram por eras sobre eras, sob as grandes geleiras." Não se fala na América do Sul atingida pelos gêlos. Não houve, pois, era glacial entre nós.

Mas Agassis, insistente, dizia que não encontrava sinais de conchas marinhas e nem nada que afirmasse ter sido mar aquela região.

Anísio Jobim, num esboço de biografia que fez do autor, no seu livro: "O Amazonas, sua história" (Ensaio ântropo-geográfico e político), assim se expressa: "Jean Louis Rodolf Agassis, natural da Suiça, não se limitou ao afagado sonho de classificar peixes, catalogar novas espécies, abrir novas clareiras na ictiologia. Foi mais

---

(*) Continuação da Revista do Instituto do Ceará Tomo LXXXVI

longe, teve um raio de ação mais amplo. O geólogo, o hidrógrafo, o botânico e tambem o artista atuou em todos os sentidos. Dir-se-ia enamorado da natureza amazônica (e quem não se enamora dela? pergunto eu), chamado a pintar os seus grandes quadros, a extensão infinita dos seus horizontes. (Eu, que não sei pintar, trouxe lindas fotografias do encontro das águas, dos ocasos mais belos que já vi, da selva, de tudo!)

"De logo, chamou-lhe a atenção a formação geológica da bacia e levantou a estrutura complexa de sua remota origem. A sua teoria minudente e habilmente elaborada suscitou grande discussão, aplausos e reações.

Qualquer apanhado resumido da fórmula de Agassis, não satisfaz, não dá o sentido do exato de sua concepção. Apoiando-se nos seus conhecimentos de pre-história, de paleontologia, de geografia e de geologia, em observações por ele feitas e dados que lhe foram oferecidos por outros exploradores, Agassis lançou a sua opinião a respeito da estruturação do vale. Para ele a bacia amazônica teria sofrido os efeitos das geleiras, do frio universal, do inverno cósmico. É a hipótese que se tem chamado **bíblica.** Aceita por uns, negada por outros, a verdade é que não fez carreira, quando muito abriu caminho para novas aquisições e aparecimento de novas teorias. Teve que ceder aos embates da crítica, que os seus discípulos opuseram, não sem quebra do respeito e da admiração que lhes despertava o mestre. Charles Frederico Hartt não impugnou totalmente a teoria de Agassis, e sim rebelou-se contra a afirmativa da geleira universal, por isso que o dilúvio não chegou à América do Sul. A doutrina de que de água doce era a bacia e os seus fosseis tambem de procedência de água doce, fosseis descobertos por William Chandless e o engenheiro Silva Coutinho, não conquistou os sufrágios dos entendidos."

Os achados de Hartt, James Orton, Orville Derby e outros, de fósseis e conchas fossilíferas encontradas em Pebas, no alto Marañon, no Javari, no Purus, no Maecuru, no Trombetas, no Tapajós vieram, em verdade, infirmar as afirmativas do geólogo, e comprovar que a bacia do Amazonas não era de água doce, nem de água doce eram os seus documentos fossilíferos, e sim de origem marinha." (A segunda teoria parece a vitoriosa).

Ainda afirma o Prof. Orlando Valverde: "Até o fim da era secundária, existia no lugar da citada bacia um golfo que abria para o Oceano Pacífico. Com o levantamento dos Andes, essa ligação foi fechada, ao mesmo tempo que o material arrancado pela erosão aos Andes e aos planaltos Central e Guiano ia aterrando o antigo mar. As águas, que efetuaram esse colossal trabalho terminaram por encontrar escoadouro para leste, no Atlântico."

E conforme outro autor: "O mar invadiu o vale todo, impedido de esvasiar-se do lado do Atlântico por uma espécie de cordilheira que o obstruia. A pouco e pouco o bater das águas fê-la ruir e invadiram o mar. O mesmo fenômeno, hoje, da pororoca, que ainda avança o oceano pelo rio."

* * *

Darwin e Haeckel, diz R. de Morais, logo que souberam do achado de Orton apoiaram-no e a teoria de Agassis foi perdendo valor. Mais: "Vieram geólogos, arqueólogos, paleontólogos, geógrafos, botânicos, zoólogos examinar as afirmativas chocantes de Agassis, nos relevos alpestres do Ereré. E nos vales daquelas serras, nos rios e nos planaltos espalharam-se os naturalistas. Tudo foi explorado. Procuravam o rastro do Período Glacial do Equador naquelas zonas assinaladas pela olhadela prehistórica de Agassis. Averiguaram que tudo por ali, em dias longínquos e remotos, teria estado em baixo do oceano. Eram as conchas marinhas a falar; eram as algas atlânticas a berrar; eram bichos antilhanos a gritar. A identidade das faunas do mar alto e das serras de Monte Alegre trouxeram, enfim, a prova mais eloquente de que Agassis delirava!" Há, porém, um documento maior, que não admite discussão nem subterfúgio: é o coral (o zoófito marítimo). No rio Maecuru, que vem da montanha e lambe as faldas do Ereré, encontram-se corais; no Curuá de Alenquer e no Trombetas, do mesmo modo foram achados. E o coral só se encontra no mar. Estava, assim, por terra a teoria, talvez sedutora, de Agassis.

"Humboldt, com a clarividência genial de quem havia de escrever o COSMOS e o DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA, surpreendera, através de conchas, esqueletos de peixes e plantas marinhas, dormindo há milênios na grimpa dos Andes, que a cordilheira, gigantesca cortina orogênica do ocidente amazônico já submergira e emergira, em vários ciclos geológicos, três vezes no seio do Pacífico."

Ainda pecou Agassis afirmando "que os peixes do Amazonas eram exclusivos d a sua rede hidrográfica". E foi provado que muitos peixes do Amazonas existiam em diversos rios de todo o Brasil. E mais: O arraigado do seu racismo, levou-o a dizer heresias. Afirmava "que os que põem em dúvida os efeitos perniciosos da mistura de raças e são levados por uma falsa filantropia, a romper todas as barreiras colocadas entre elas, deveriam vir ao Brasil. Veriam que essa mistura apaga as melhores qualidades, quer do branco, quer do negro, quer do índio, **e produz um tipo mestiço indescritível cuja energia física e mental se enfraquecem.**" (O grifo é meu).

Desprezava, portanto, o mestiço. E não soube ele que fabulosos mestiços tivemos nós, superiores a muitos brancos! Homens de letras, tribunos notáveis, poetas, escritores, médicos de grande valor, engenheiros renomados, cientistas etc. Quanto à parte somática ou física, lá mesmo no Amazonas tivemos a prova irrefutável do valor e da resistência do caboclo cearense, realmente produto, na maior parte, da miscigenação do português e do índio. E foi ele o desbravador do Amazonas, "o homem que deixou de ser cangaceiro para ser guerrilheiro" e doar à Nação o grande território do Acre! E o vaqueiro, já tão decantado, e que, na feliz expressão de Euclides da Cunha é, antes de tudo, um forte! E o jangadeiro que se afoita mar a dentro, destemeroso, na frágil jangada, que é um casco de noz ao sabor das ondas?

Errou, mais uma vez, o grande Agassis. E não é sem razão que Roquete Pinto disse: "Ao retirar-se do Brasil, Agassis deixou três erros colossais: os blocos erráticos da Tijuca (o mesmo erro da formação do vale amazônico, os quais considerou de formação glacial), as espécies ictiológicas individuais da Amazonia e a mestiçagem da população do país."

Mas, defende-o, Raimundo de Morais: "Quando se provou o contrário do que dizia o atrevido pesquisador já o anfiteatro amazônico se achava sob a vigilância de muitos sábios. Foi ele, pois, através de uma estrondosa caraminhola, quem começou a história social e física da vasta bacia mediterrânea. Em boa fé ninguém lhe pode arrebatar o laurel de nosso maior propagandista nos círculos científicos." E com maior veemência discorre R. de Morais: "Nenhum dos outros sábios, como o suíço imponente, teve o condão miraculoso de agitar em torno da Amazônia, um carrilhão de bronze propagandista. Antes dele, a nossa terra escolhia-se na sua imensidade, apagava-se na sua amplitude, absorvia-se no seu desmedido segredo. Dir-se-ia, como de fato era, uma gleba sem história. Vasta e fecunda, nela se deitava, gigante esquecido, o Amazonas! Apesar de ser o maior rio do orbe, o mais volumoso caudal do globo, era o mais anônimo, o mais desconhecido, o menos falado.

Foi Agassis, com a sua imaginação irrequieta, cheia de sonhos e pesadêlo, de miragens e realidades que começou a meter pelos ouvidos e pelos olhos dos sábios fenômenos que só ele pressentira."

Errare humanum est. E Agassis amava o Amazonas. Elizabeth não lhe ficava atrás. Moça vinda da América do Norte, onde devia viver vida de conforto e de luxo, adaptou-se, de pronto, às inclemências do Amazonas do seu tempo, mais desamparado do que

hoje, falta de tudo. O Amazonas tem dívida de gratidão ao casal ilustre.

Alberto Rangel: "O suíço-americano, pensativo entre os blocos de grés amarelados da serra do Ereré, leu estrias de geleiras nessa terra de fogo e constituiu as hipóteses glaciarias com a precipitação entrecortada de pasmo, que hoje as sacrifica um pouco. É minha a anotação. Mas, no limiar desta exposição, seja-nos lícito levantar à sua memória honrada o sincero preito que merece o amigo do Brasil, cujo desinteresse e cultura continuaram a acentuar para a nossa terra a era fecunda das investigações do cientificismo sem charlatanismo e sem ódios."

* * *

"O Amazonas é um rio sem história, diz-nos R. de Morais, apagado na tradição milenar dos povos cultos, inexistente mesmo nos balanços imemoriais dos grandes cursos fluviais do globo. Se ainda hoje ele traz no seio, depois de quatro séculos de explorações, uma áurea de mistério, como de fato fora um dos enigmas do universo, avalie-se o que não seria nos tempos remotos, naqueles idos em que a civilização, arredada por contíngências geográficas da América do Sul, não cogitava de seu vale, de suas águas, de sua natureza, de seus habitantes."

E eles, os habitantes, os selvícolas invadiam as margens do grande rio, nelas perambulavam, nômades que eram, nelas pelejavam, mas nunca delas se afastavam para outras regiões. E isso só se soube de há uns quatrocentos anos para cá, após a investida, na grande boca do rio, de piratas holandeses e ingleses.

E havia dúvidas se aqueles homens eram autóctones ou originários de outros continentes. Então, alguns sábios europeus incentivados pelo que ouviam da região, da imensidade do seu río e da qualidade dos seus habitantes, começaram a vir estudar a terra desconhecida e abandonada.

Os monogenistas, de certo, eram de parecer que o homem sul americano, incluindo, é claro, o homem primitivo amazonense, veio de outros continentes, e principalmente do leste asiático, pelo estreito de Behring, no fim das glaciações. Ainda pelo Pacífico, em barcos, para a costa oeste da América do Sul.

Bem diferente, porém, afirma-nos Paul Rivet, é o ponto de vista de Florentino Ameghino: concepção nitidamente monogenista. O foco original da aparição do homem, segundo este autor, é a América do Sul, ou mais precisamente, o pampa argentino, de cujo centro partiram as imigrações humanas que povoaram o mundo."

E ainda quer o ambicioso pesquisador que os homens achados (que formavam uma escala na evolução) fossem da era Terciária.

"...existem boas razões para pensar que o homem apareceu na América do Norte por volta do Quaternário, isto é, depois do retrocesso glacial. Não há nenhuma prova de uma antiguidade maior, sentencia Marcellin Boule, em 1923.

Conclui Rivet: A existência do homem terciário na América do Sul não repousa em nenhuma base sólida e em nenhuma prova!

Thomaz Pompeu Sobrinho, com a sua autoridade, assim se expressa, na PRE-HISTÓRIA CEARENSE: I — O homem americano não é autóctone; portanto deve ser considerado como produto de migrações do Velho Mundo; II — Na era Terciária, nem mesmo nos primeiros períodos do Pleistoceno, o homem que veio povoar a América não havia chegado.

E sustenta: Torna-se indispensável insistir sobre que não resta dúvida quanto a origem asiática do **Homo sapiens fossilis** etc. Ainda: Não há e nunca houve homogeneidade étnica e cultural entre os indígenas do Novo Mundo. Isto indica origens diferentes.

Enfim, aparece um pesquisador dinamarquês-Lund — que, segundo Paul Rivet, explorou cerca de 800 grutas em Minas Gerais, descobrindo quantidade considerável de animais fósseis. Em seis dessas grutas achou 18 crânios humanos, julgando-os associados a esses restos animais, sem nunca, porém, ter-se pronunciado de maneira categórica sobre a certeza de dita correlação.

Posteriormente, o Prof. Padberg, do Museu Nacional de História Natural do Ric de Janeiro, recomeçou as escavações de Lund e estabeleceu que os depósitos explorados por aquele sábio são compostos de duas camadas, uma profunda de colorido vermelho e uma superficial de cor preta e que os ossos humanos provêm desta, ao passo que os restos animais fósseis provêm, exclusivamente, da primeira. Resulta, por consequencia, que o homem da Lagoa Santa não é pré-histórico, apesar da sua provavel grande antiguidade.

O dinamarquês Lund era homem sincero, cientista escrupuloso, e não quis ofuscar o seu nome impingindo o homem primitivo, o homem autóctone da América. Já de Ameghino não se pode fazer o mesmo conceito!

O nosso índio do Amazonas e o de todo o Brasil tiveram, pois, suas raízes lá para a Ásia. Hoje, o homem do Amazonas é um produto, em grande parte do referido índio e dos nordestinos, principalmente cearenses, que para lá emigraram.

* * *

"A população amazonense funda-se, pode dizer-se no século XVIII, com a fixação da maior parte do séquito de Mendonça Furtado (irmão do Marquês de Pombal,, sob os auspícios dele, Mendonça Furtado. Caldeia-se sobre um forte espírito de fusão do

branco com o índio, sendo as leis do Reino favoráveis a essa aliança." Araujo Lima, Amazônia, pág. 109. "Diversas leis josefinas cumulam de isenções e privilégios a mescla do índio e do branco. Casar com índia é ser preferido sempre para todos os cargos e distinções da nobreza." (Betino Miranda, apud Araujo Lima). Ao contrário, era proibida a miscigenação com o negro. Declara-nos Araujo Lima: "O elemento negro é raríssimo, quase excluído, pode dizer-se, proibido, no caldeamento amazônico.

Durante mais de um quarto de século em que o Marquez de Pombal, por intermédio da oligarquia familiar de Mendonça Furtado, exerceu "na bacia amazônica uma perfeita ditadura política e administrativa", assentaram-se as bases da população amazonense, resguardando-se o sangue indígena e preservando-o da infiltração etiópica.

Melo Póvoas sobrinho de Mendonça Furtado e seu sucessor na administração da Capitania, estimula os casamentos mixtos, **com exclusão legal do negro.** (É meu o grifo).

"Para tirar aos brancos e aos índios todo o pretexto de contágio com a outra raça, um decreto régio declara infames os que se casem com as negras, ou vice-versa, as mulheres brancas e as índias que se ajuntem aos negros." (Bertino Miranda, apud Araujo Lima).

A mão de Pombal em tudo isso, com o mais estúpido racismo! Não é em vão o que dele disse Camilo Castelo Branco: "O meu ódio, grande, entranhado e único em minha vida, ao Marquez de Pombal, não procede de afeto ao padre, nem do desagravo da religião: é por amor do Homem".

Mas, nem sempre o homem é, de todo, mau! Segundo Leandro Tocantins, o Prof. Artur Cesar Ferreira Reis, em seus trabalhos de interpretação histórico-social da Amazonia, prova o esforço político e a ação pragmática da metrópole portuguesa, principalmente a partir do reinado de D. José I, quando o seu ministro Marquez de Pombal fez iniciar, com o seu próprio irmão à testa do governo do Estado do Grão Pará e Rio Negro, **um verdadeiro plano de valorização econômica, dentro de metas e diretrizes que se aproximam dos planejamentos estatais de hoje.** (É meu o grifo). Planificação ainda empírica, embora, mas que revela a mentalidade dos governantes portugueses reconhecendo o peculiarmente regional: o Brasil amazônico, variante do Brasil nordestino, e dos outros Brasis. O Brasil do Grão Pará e Rio Negro, isto é, a grande ilha ecológica amazônica diferenciada do Estado do Brasil, onde, por sua vez, existem mais alguns Brasis."

E remata Leandro Tocantins: "Quando lançamos vistas para esse vasto espaço físico-social ou ilha ecológica amazônica do ar-

quipélago cultural brasileira, um dos aspectos que mais prendem a nossa atenção é o do gênero de experiência de convivência humana que ali se processa. Um gênero diferente de outras partes do Brasil, na composição étnica, em suas raízes quase que exclusivas da mesclagem do português com o índio, no processo econômico, no processo político administrativo, e até na formação da família, com muto pouco daquele patriarcalismo reinante em outras áreas brasileiras, responsável em grande parte, pelo impulso civilizador do europeu, tal como aconteceu no Nordeste açucareiro."

Hans Bluntschli mostra: "Vento e planície, floresta e água agem intimamente ligados, e compreende-se que, na Amazônia, tudo deve estar sob a sua influência, do ser vivo, do mais diminuto, até o modo de viver do homem."

* * *

Naquelas misteriosas paragens, onde a civilização ainda não penetrou bem, o homem que as habita, desde o índio inculto e bronco ao caboclo, produto já da miscigenação, e mais sociável e mais acessível, conserva, dos seus antepassados, histórias fabulosas de duendes, de caiporas, de botos, da iara, da cobra grande, do uirapuru, das Amazonas!

E a crendice permanecerá na alma simples do seringueiro ou do selvícola, enquanto a mata e a água, ambas assombrosas, dominarem o homem fazendo dele um ser inferior diante da grandeza infinita de uma Natureza que confunde e esmaga!

"Em cada ponto da planície equinocial, diz R. de Morais, no ocidente ou no oriente, nas colinas do sul ou nas serras do norte, inventados pelo aborígene, trazidos pelo africano, espalhados pelo português, divulgados pelo forasteiro, ingênuas, inverosimeis; risonhas, tenebrosas, — as histórias dos animais e das sereias, dos gnomos e dos pajés empolgam a imaginação fecunda e plástica da gente que erra no vale." A iara (que, segundo o amazonense, é o **bôto vermelho, fêmea**), é o espantalho do homem daquelas plagas. "Metade mulher, metade peixe, cabelos compridos, busto cheio; cauda de escamas multicores, a formosa ninfa vive nas margens dos igarapés, nas bordas dos lagos, nos taludes dos rios seduzindo os tapuias, encantando-os e carregando-os para o fundo." Sempre que desaparece um rapaz, perdido ou morto, atribui-se a desgraça aos ardis apaixonados da iara.

O boto, espécie de toninha dos mares frios, vermelho ou escuro de pele, é um cetáceo, um mamífero e é, por sua vez, o flagelo das donzelas, das casadas e das viúvas. Mas, o tucuxi — o boto preto — chamado **pirajaguara** na lingua geral, é amigo do homem e, dizem, socorre a quem naufraga, tangendo-o com o fo-

dinho em direção à praia. O boto vermelho "de caráter fabulosamente hermafrodita" é a iara, como já disse, que seduz o rapaz e é o latagão que, à beira dos rios, em cânticos doridos, conquista a **cunhantan** (menina e moça) e com ela desaparece no fundo das águas, levando-a para o seu palácio encantado. E a moiçola que foge com o namorado é ao boto que cabe a culpa! Quando moças andam em pirogas ou canoas, nos rios, os botos as acompanham bufando, saltando, mostrando-se todo, numa sedução teimosa e amedrontadôira.

E o uirapuru, pássaro pequeno tem, no seu canto, "qualquer coisa de flauta e violino". Há diversas espécies "a última de verde-azulado, achado no Purus qualificada por Goeldi. Pensa R. de Morais que talvez seja a mais linda." "Uma de cabeça escarlate e peito claro, assinalada por Spix, equivalia a um primor de plumagem. Também a **pipra auréola**, classificada por Lineu, de cabeça e pescoço vermelho, era uma verdadeira beleza. A estudada por Orbigny, **modulatrix**, tida no caráter do músico e igualmente achada no Purus, de tons castanhos, não era bonita. A mais feia, talvez, a **pachysilvia**, do Pará, é conhecida pelos ornitologistas como a verdadeira. Havia ainda um tipo descrito no Diário de Natterer, zoologista que andou oito anos na Amazônia, mas que estava, na família dos uirapurus, perdido para a ciência."

De tal deslumbramento é o canto da avezinha que os animais todos da selva, cobras, onças, jacarés, veados, antas, gaviões, e mais as outras aves que fervilham nas árvores vizinhas, e todos, misturados, não se atacam, não se movem, como que eletrizados e embevecidos pelo gorjeio do maior cantador das matas!

E conta, em romance, Raimundo de Morais, que certa vez, em um seringal, notaram que os xerimbabos todos (animais domésticos) fugiram do páteo da casa, inclusive duas giboias que criavam. O chefe da família, então, lembrou-se que na maloca de várias tribos, quando o xerimbabo começa sumir-se, já se sabe: é o uirapuru no choco. Porque, segundo o índio, o uirapuru depois da postura, choca alternativamente. Ora a fêmea, ora o macho. Sempre que um sai para descanso, num desafogo de alegria, canta. Assim, durante o tempo do choco, na árvore em que está o ninho fica sendo um centro musical, que atrai a bicharada.

Gastão Cruls, em a Amazônia Misteriosa, livro de ficção, e sem ainda ter ele ido ao Amazonas, descreve assim a lenda encantadora: "De repente, ferindo a quietação da mata, ouvimos uma escala de sons claros, apaixonados, musicais. E, depois, a sucessão de outras gamas, tons abaixo, e tons acima, mas todas em timbres nítidos e que vibravam longamente no ar. Por fim, na mais suave consonancia, rompeu o ajuste de trinos e gorjeios, florejados, aqui;

de **pizzicatos,** interseridos ali, de longos trêmulos e imprevistas variações mais adiante retardando-se em notas quérulas e harmonias morrentes, ou então subindo aos compassos vivos e os chilreados álacres. E havia de tudo naquela música: vocalizações argênteas, notas de cítara e violino, harpejos, estridências de sistro e suavidades de flauta, o chocalhar de muitos guizos..." Gastão Cruls era médico e foi grande literato.

Dizem que o uirapuru é um amuleto e dá sorte a quem o possui, mesmo morto. Daí a perseguição à avezinha, cantora prodigiosa, segundo a lenda!

* * *

"A boiúna (a cobra grande), mito índigena do Brasil, mãe de todas as águas da bacia soberana, dos lagos e dos igapós, das enseadas e dos igarapés, dos furos e dos paranás, das vertentes e desaguadouros, nada e vigia de um extremo a outro, navio mal-assombrado! Quando se ouve um ronco longínquo, que arrepia os cabelos e põe um frio de morte na medula, é ela, o gênio do mal. Seu uivo horripilante, predominando sobre todas as vozes, tem o poder elétrico de paralisar a energia dos outros animais. Por madrugadas fechadas e tormentosas avistam-se duas tochas fosforescentes vagando ao largo. São os olhos da cobra. É a boiúna que anda na sua peregrinação fatídica, matando e devorando a criação doméstica, alagando as embarcações, cretinizando os **curumins,** sorvendo vampiricamente a vida dos velhos".

Mas o seu poder de metamoforsear-se é grande. Galera encantada, velas pandas, singra e cruza as baias. E se algum destemido tenta seguí-la, de logo, a galera-fantasma alça vôo, como grande ave bravia e some-se na amplidão!

Outras vezes, é um transatlântico, todo iluminado, que se aproxima do porto, onde o esperam os funcionários da empresa. E, ao arrear do ferro, largam-se eles para bordo. Ao aproximarem-se, porém, tudo desaparece num vórtice tremendo, deixando pasmados e tiritando de mêdo aqueles homens habituados ao ofício de receber navios a toda hora da noite". Assim descreve R. de Morais a lenda fantástica da boiúna!

Um seringueiro, em tempos passados, que aqui aportou, após anos de trabalho duro em seringais, contou-me que não viu, mas que era pacífica por lá a história dos olhos da cobra grande, à noite, como dois holofotes, descendo ou subindo o rio, enganando a todos como se fora uma embarcação! E, às vezes, atravessa-se ela na corrente, como tronco de árvore gigantesca, impedindo o trânsito dos gaiolas! É crença, ademais, que engole um boi e fica com os chifres de fora até que, pela decomposição, a cabeça caia!

Muitos e muitos dias, assim, parada, inerte nessa digestão lenta e penosa! É de uma imaginação feracíssima a mente do caboclo amazônico!

Mas, de todas as lendas a que mais avulta e que até em sábios causou dúvidas, foi a das Amazonas.

Gonçalves Dias, o grande poeta e clássico da língua, em monografia, estuda a lenda e chega à conclusão seguinte: "Mas, se se trata de verdadeiras Amazonas, concluo que nem na Europa, nem na América existiram; e que ainda dada com provável, ou mesmo como possível a sua existência, não encontro nos antigos escritores, nem nos modernos viajantes razoável fundamento para me decidir pela afirmativa".

Colombo, "apesar das datas contraditórias", teve notícias das Amazonas, Raleigh a espalhou pela Inglaterra. Orelana, na Espanha: diz-se qual era a nação com quem eas tratavam, e de que tribo descendiam. Hermano Ribera ouviu-o no Paraguai. La Condamine, no Amazonas, enquanto Ribera que impugnava a veracidade do fato, verificou a existência da tradição com o testemunho dos próprios indígenas. Humboldt mesmo, à vista de tantas provas, não se recusa a admitir a sua existência ainda que só temporariamente e de certo modo.

Pedro Petit, na sua obra **Dissertatio de Amazonibus** e o abade de Guyon, na sua **Histoire des Amazones anciennes et modernes**, ambos concluem que existiram Amazonas, apud Gonçalves Dias.

Mas o de que não padece dúvidas é que Francisco de Orelana foi, aqui na América, o criador das Amazonas! Fê-lo ou por sensacionismo e vaidade, ou para tirar proveito da sua façanha junto a Carlos V, segundo o Pe. Manuel Rodrigues, que assevera que Orelana pediu ao Rei as terras das Amazonas, obtendo dele "carta patente de governador generalíssimo do rio das Amazonas para o recompensar de as ter subjugado em nome de sua majestade católica!

E comparava ele as Amazonas, que viu, às da Capadócia, na Ásia Menor, que existiam, segundo a história. Só com a diferença: as de lá eram cavaleiras e as de cá não tinham cavalo, porque não havia, então, equídeos na América. Ademais, as capadocianas atrofiavam a mama direita, ou queimando-a, quando criança, ou comprimindo-a por outro meio, a fim de poderem atirar com o arco, com mais facilidade. As de Orelana possuíam as duas mamas, pesar da opinião contrária dele, que lhes deu o nome de Amazonas que, em grego, quer dizer: **a**, privativo; e **mazos**, mama ou peito (sem mama). Autores há que não crêm que mães fossem capazes de submeterem as filhas a tais suplícios. Não se compadece com o amor de mãe tão dura prova.

A lenda contada e recontada impregnou o espírito rudo do selvícola e mesmo do povo em geral, que foram elas, as Amazonas, batizadas pelo nome de **icamiabas** (nome indígena) que significa mulheres sem maridos ou sem homens. Conforme citação de Alfredo Ladislau, cearense, em seu livro "Terra Imatura", **Ikam-nyaba** "rapazes que se confundiam com as mulheres e daí o não terem seio nem leite." Na verdade, há quem diga que os índios que atacaram Orelana eram homens cabeludos, que se assemelhavam a mulheres, ou mesmo mulheres combatendo com os homens!

* * *

Raimundo de Morais, porém, contesta: "Percorre-se, no entanto, o vale, sulcam-se os afluentes, sobem-se os taboleiros e os planaltos, avança-se para o ocidente, recua-se para o levante, cruza-se a baía, perquire-se, pergunta-se, busca-se o rastro dessas deidades, ninguém, absolutamente ninguém pronuncia uma sílaba a tal respeito. Não há quem saiba de semelhante gente. Antes causa riso falar-se nisso aos velhos moradores da verdejante planície. Amazonas, para eles, é a água, é a corrente, é o rio. Mulheres? Jamais!

E, no entanto, La Condamine, viajante francês (é exato que muitos e muitos anos antes de R. de Morais), La Condamine relata: "No decurso de nossa viagem questionamos por toda parte os índios das diversas nações, e deles nos informamos, com grande cuidado se tinham algum conhecimento daquelas mulheres belicosas, que Orelana pretendia ter encontrado e combatido; e se era verdade que elas vivessem fora do comércio dos homens, não os recebendo entre si senão uma só vez por ano... Era, na lingua dos índios, a Nação das **Aikeambicinas**, mulheres que vivem sós.

Todos nos disseram tê-lo assim ouvido a seus pais, ajuntando mil particularidades, muitas longas de se repetirem, todos tendentes a confirmar que houve neste continente uma república de mulheres que viviam sós, sem homens, e que se retiraram para o interior das terras do lado do norte, pelo rio Negro ou por um dos que, pelo mesmo lado, correm para o rio Maranhão. Resta acrescentar que La Condamine era um dos maiores defensores da existência das Amazonas.

Em contraposição, porém, diz um autor, não ser possivel que em tempo algum tenha havido no Novo Mundo, nem em qualquer outra parte, uma verdadeira república de mulheres confederadas e unidas por um pacto social, por Lei e constituições, que tenham propagado a sua descendência e o seu império durante muitas idades, não admitindo homens em sua companhia se não uma vez por ano."

As verdadeiras Amazonas diz-nos, mais uma vez, Gonçalves Dias, deviam viver separadas completamente do outro sexo. E, no entanto, Orelana confessa as viu guerreando entre os homens, comandando-os e infligindo-lhes penas, quando eles se acovardavam.

E pensa mesmo R. de Morais que Gonçalves Dias, com a penetração do homem superior, mal aceitava o caso no terreno das hipóteses. E por que? Por causa do **muirakitan**, o talisman por excelência. Era a pedra verde das Amazonas, trabalhadas em alto relevo. Comumente representavam o jacaré, a onda, a tartaruga, a cobra, o veado etc. E deu o que pensar a que foi enviada ao Sumo Pontífice Benedito XIV, em Bolonha,, figurando a cabeça de cavalo, animal desconhecido na região amazônica, antes da conquista. Ainda mais, a matéria prima do **muirakítan** não há na Amazônia, nem mesmo na América. Crê-se, pois, que tenham sido trazidos pelos primitivos habitantes, vindos da Ásia.

Barbosa Rodrigues, o sábio baiano, que viveu estudando a Amazônia, concorda com Fischer, que estudou o assunto e que diz que a tal pedra "ter sido leito geológico no Turkestan chinês. Confúcio tinha-o como símbolo da virtude."

Acresce, para ainda citar R. de Morais e robustecer o argumento, que os índios do vale amazônico, apesar de adiantados ceramistas, não deixaram o menor traço de inteligência como os maias e os aztecas no México, os aimaras e os incas no Peru, no que se prende à arte escultural, contemporâneos que eram da pedra polida, como provam os seus machados de silex. E conclui: Se os **muirakitans** foram conduzidos da Ásia, na bagagem escoteira de um povo em fuga, as Amazonas, lendárias figuras gregas, foram, também, trazidas, como as crônicas da Hélade, no bojo das caravelas!

Do ligeiro passeio que fiz à planície amazônica, de mim mesmo, só trago a apreciação do que vi. Do que li, que não foi pouco, uma colcha de retalhos dos mais afamados intérpretes daquele deserto imenso que, até hoje, está desafiando a argúcia da civilização e da técnica dos fins do século XXI